

**CLUBE UNIÃO OPERÁRIA DE ALEGRETE E A PRESENÇA DE
TRABALHADORES NEGROS: CULTURA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO
AFRODESCENDENTE**

**CLUBE UNIÃO OPERÁRIA DE ALEGRETE Y LA PRESENCIA DE LOS
TRABAJADORES NEGROS: CULTURA, MEMORIA Y PATRIMONIO
AFRODESCIENTE**

Recebido em: 09/09/2024

Aceito em: 31/10/2024

Publicado em: 29/01/2026

Márcio Jesus Ferreira Sônego¹ 
Instituto Federal Farroupilha

Resumo: Este artigo tem como objetivo recuperar histórias de trabalhadores negros nos primórdios de fundação do Clube União Operária de Alegrete, fundado em 1925. Com este estudo, se busca verificar a atuação vivida por operários (as) negros (as) na construção e formação desta entidade operária e quase centenária. Com base no cruzamento de diversas fontes históricas, como documentos cartoriais, paroquiais, imprensa, livros de atas e sócios do clube, foi possível perceber a vivência associativa dos trabalhadores negros e de seus familiares, reconstruindo trajetórias e experiências sociais no espaço social do Clube União Operária. Com essa pesquisa, comprovei algumas hipóteses, sendo que a principal é evidenciar que os afrodescendentes já estavam inseridos e atuantes desde o início e origem da entidade associativa. Através das histórias de alguns personagens, se percebe que a comunidade negra de Alegrete, no período pós-abolição, definiu o Clube União Operária como seu lugar social, um local do livre exercício da cultura e identidade negra, uma entidade operária na qual não havia restrições em relação aos seus frequentadores.

Palavras-chave: Trabalhadores Negros; Clube Social Negro; Alegrete/RS.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo recuperar historias de trabajadores negros en los primeros días de la fundación del Clube União Operária de Alegrete, fundado en 1925. Con este estudio, buscamos verificar el papel vivido por los trabajadores negros en la construcción y formación de esta entidad. Trabajador y con casi un siglo de antigüedad. A partir del cruce de diversas fuentes históricas, como documentos notariales, documentos parroquiales, prensa, libros de actas y socios de clubes, fue posible comprender la experiencia asociativa de los trabajadores negros y sus familias, reconstruyendo trayectorias y vivencias sociales en el espacio social de Trabajador del Clube União. Con esta investigación confirmé algunas hipótesis, siendo la principal mostrar que las personas afrodescendientes ya estaban involucradas y activas desde el inicio y origen de la entidad asociativa. A través de las historias de algunos personajes, queda claro que la comunidad negra de Alegrete, en el período posterior a la abolición, definió el Clube União Operária como su lugar social, un lugar para el libre ejercicio de la cultura y la identidad negra, un espacio de clase trabajadora, entidad en la que no existían restricciones en relación a sus visitantes.

Palabras-chaves: Trabajadores Negros; Club Social Negro; Alegrete/RS.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo recuperar histórias de trabalhadores negros nos primórdios de fundação do Clube União Operária de Alegrete, fundado em 1925. Com este estudo, se busca verificar a atuação vivida por operários (as) negros (as) na construção desta

¹ Doutor em História (UFSM), Historiador/ IFFar Campus Alegrete. E-mail: marcio.sonego14@gmail.com

entidade operária e quase centenária. Com base no cruzamento de diversas fontes históricas, como documentos cartoriais, paroquiais, imprensa, livros de atas e sócios do clube², foi possível perceber a vivência associativa dos trabalhadores negros e de seus familiares, reconstruindo trajetórias e experiências sociais no espaço social do Clube União Operária.

Com essa pesquisa, comprovei algumas hipóteses, sendo que a principal é evidenciar que os afrodescendentes já estavam inseridos e atuantes desde o início e origem da entidade associativa. Através das histórias de alguns personagens, se percebe que a comunidade negra de Alegrete, no período pós-abolição, definiu o Clube União Operária como seu lugar social, um local do livre exercício da cultura e identidade negra, uma entidade operária na qual não havia restrições em relação aos seus frequentadores.

METODOLOGIA

A metodologia desse estudo foi influenciada pela Micro-História, principalmente no cruzamento de fontes para reconstituir trajetórias e experiências sociais. O primeiro procedimento metodológico foi analisar os Livros de Atas e Sócios do Clube União Operária de Alegrete e buscar nominalmente os integrantes do clube. Logo após, foi feita uma segunda busca incessante em registros cartoriais e eclesiásticos³, como registros de óbitos, por exemplo, já que em tais documentos, a cor das pessoas aparece com mais frequência. Para esta pesquisa, a componente cor dos indivíduos é de fundamental importância para comprovar nossas hipóteses. Também foi importante, e já deixo meu registro de agradecimento aos familiares descendentes dos sujeitos pesquisados, pois as conversas e trocas de informações foram essenciais⁴.

No caso específico desta pesquisa, recuperar elementos das trajetórias de personagens afrodescendentes que fizeram parte do Clube União Operária de Alegrete não foi tarefa muito fácil. O subsídio metodológico baseou-se também no método onomástico, utilizando o nome como fio condutor da pesquisa (Ginzburg; Poni, 1989). Além disso, este trabalho pauta-se no

² As fontes documentais consultadas para elaboração deste artigo estão descritas nas notas de rodapé e, em ocasião da sua transcrição, optamos pela manutenção da sua grafia original.

³ Pesquisei e localizei estas fontes históricas no site Family Search, na qual disponibiliza registros paroquiais e cartoriais e também no acervo do Arquivo Histórico Municipal de Alegrete Miguel Jacques Trindade (AHMAMJT). Aproveitando, quero agradecer a atenção e disponibilidade da arquivista Valéria Appratto Dornelles, que muitas vezes me enviou cópias digitalizadas dos atestados de óbitos.

⁴ Meu agradecimento a Rosa Irene Madeira Cardoso, Luciana Braz Nunes, Cleonice Xavier Lima, Joiceana Teixeira, Fernando Campos da Rosa, Marina Castilhos, Aline Castilhos Teixeira e também a todos os respectivos familiares.

conceito de trajetórias (Karsburg, 2015, Moreira, 2014), ambas reflexões e métodos de pesquisa oriundos da micro-história italiana.

TRAJETÓRIAS DE TRABALHADORES NEGROS NO CLUBE UNIÃO OPERÁRIA

Como vimos na introdução deste trabalho, no surgimento do Clube União Operária, não se encontra menção à cor nos documentos produzidos, e nem ênfase na atuação política e social de trabalhadores afrodescendentes, muito embora já estivessem inseridos e atuando no clube, dado ao caráter dos trabalhadores (as) de vários ofícios que o integravam. Conforme documentação, atas, livro dos sócios, fotografias e testemunhos de associados e frequentadores do clube, foram encontrados sujeitos negros inseridos e desempenhando funções importantes na formação da associação operária em Alegrete. Essa descoberta inicial e fragmentada só foi possível graças ao recurso metodológico de rastrear os nomes de alguns sócios e fazer o cruzamento nominal com outras fontes disponíveis, como os registros de óbitos, pois nestes documentos a cor das pessoas falecidas tendiam a aparecer com mais frequência.

Na Ata de sua fundação, em 1925, consta o relato de que a solenidade aconteceu no Teatro Rio Branco, na qual estavam presentes a comissão organizadora da entidade e os sócios fundadores, sendo instituída e aclamada a sua primeira diretoria, com os seguintes nomes:

Para presidente, Pedro Ramires, carpinteiro; para vice, Antônio Gomes, pedreiro; para secretário, Brasiliano Lara, tipógrafo; tesoureiro, João Barcellos, marceneiro; adjunto de tesoureiro, Rodolfo Anhaia, carreiro; para orador, Adélio Xavier Castilhos, tipógrafo. Para o Conselho Fiscal: Venâncio Pacheco, carpinteiro; Cyrane Anhaia, pedreiro; Manoel Emiliano, pedreiro; João Brum, pedreiro e Antonio Botto, ferreiro (Goldemberg, 1993, p. 13).

Dentre os fundadores da União Operária descritos acima, foi possível localizar alguns registros de óbitos. Supõe-se que o tesoureiro João Barcellos é o mesmo sujeito que faleceu no dia 13 de agosto de 1949, tendo 67 anos de idade, **cor mista**⁵, pedreiro, casado com Rosa Barcelos. Na certidão de óbito, consta que João Barcellos faleceu sem assistência médica e era de filiação ignorada⁶. A partir da reconstituição do perfil social dos indivíduos que fundaram e compuseram a União Operária de Alegrete, acredita-se ser possível demonstrar, futuramente,

⁵ Grifo meu.

⁶ Livro 31, folha 257. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 13 de agosto de 1949. AHMAMJT.

que a classe operária de Alegrete era muito mais complexa e diversa, inclusive fundamentalmente negra e mestiça.

Em relação ao Livro dos Sócios, relativo ao ano de 1929, aparece a descrição de alguns associados da entidade, sendo que chama à atenção imediata a pessoa de Euclides Braz⁷. Posteriormente, em 1940 e 1941, Euclides Braz exerceu a função de 1º Secretário da União Operária. Nas fichas cadastrais do clube, Euclides aparece com o registro de matrícula número 01, com 41 anos de idade, nascido no dia 06 de junho de 1899⁸, casado, brasileiro, profissão de carpinteiro e residente na rua 20 de Setembro, em Alegrete⁹. Porém, tudo indica que Euclides Braz já estava atuando na entidade antes de 1929, pois ele aparece como procurador na diretoria do clube em 1927¹⁰ e também como um dos sócios responsáveis pela comissão de construção da sede da União Operária na Rua Vinte de Setembro, também no ano de 1927 (Gazeta de Alegrete, 1973).

Os documentos da União Operária confirmam que a esposa de Euclides Braz, a senhora Maria Amália da Cruz Braz também era sócia do clube, com ficha nº 74, filiada desde 16 de julho de 1940, com 39 anos de idade, casada, doméstica e também domiciliada na rua 20 de Setembro.¹¹ Maria Amália da Cruz Braz faleceu no dia 29 de abril de 1982, com 81 anos de idade, de **cor preta**¹², pensionista, sendo já viúva. Era filha de João Onofre da Cruz e de Menalvina Costa¹³.

Recorreu-se, então, aos registros de óbitos para obter mais informações acerca da cor de Euclides, que faleceu no dia 17 de março de 1967, com 67 anos de idade, constando com a profissão de **operário**¹⁴. A causa da morte foi ocasionada devido a uma perfuração de úlcera gástrica. Era filho legítimo de Joana Braz, sendo que no registro não consta a cor de Euclides¹⁵. Contudo, recorrendo ao atestado de óbito de Joana Braz, algumas informações mais explícitas no documento preenchem as lacunas existentes no registro de óbito de Euclides. Joana Braz

⁷ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1929. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁸ Ainda não consegui localizar o registro de nascimento de Euclides Braz.

⁹ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

¹⁰ *MEU JORNAL. União Operária*. Alegrete, 16 de janeiro de 1927; Nº 35; p. 03 *apud* CORRÊA 2010.

¹¹ *Ibid.*,

¹² Grifo meu.

¹³ Livro C/6, folha 87. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 30 de abril de 1982 Ahmamjt.

¹⁴ Grifo nosso.

¹⁵ Livro 45, folha 10.588. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 20 de março de 1967. Ahmamjt.

morreu no dia 01 de fevereiro de 1936 no seu domicílio em Alegrete, com 50 anos de idade, **cor preta**¹⁶, solteira, profissão de doméstica, sendo que o declarante foi o filho Euclides Braz¹⁷.

Um fato curioso e revelador, que permite mostrar a rede associativa, laços de solidariedades e ajuda mútua entre os integrantes do Clube União Operária foi o falecimento do sócio Mazaredo Silva em 1940, ele consta como associado desde 1929¹⁸, número de matrícula 45, filiado na entidade desde 24 de junho de 1934, tinha 56 anos de idade, casado e com a profissão de jornalista¹⁹. Mazaredo Silva morreu no dia 26 de dezembro de 1940, descrito como casado e filho de Eva da Silva. O declarante que compareceu no cartório foi o senhor Euclides Braz²⁰. Foi nesse espaço da União Operária que provavelmente Mazaredo e Euclides formaram e compartilharam relações, laços humanos e convívio social. Além disso, a União Operária mantinha uma caixa de socorro aos seus associados, com auxílio doença, funeral e instrução.

IMAGEM 1 – EUCLIDES BRAZ E MARIA AMÁLIA DA CRUZ BRAZ. FOTO S/D.



Fonte: Acervo Pessoal de Luciana Braz Nunes

¹⁶ Grifo meu.

¹⁷ Livro 23, folha 144v. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 01 de fevereiro de 1936. AHMAMJT.

¹⁸ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1929. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

¹⁹ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

²⁰ Livro 27, folha 25. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 26 de dezembro de 1940. AHMAMJT.

A família Braz, com uma identidade negra, ocupou um lugar de destaque e de livre exercício dentro do Clube União Operária de Alegrete. Além de Euclides Braz e Maria Amália da Cruz Braz, outros integrantes familiares participaram com iniciativas assistenciais, culturais e recreativas, organizando bailes e garantindo relações de sociabilidades, a partir de confraternização entre as famílias, principalmente festas diversas e relações, além do círculo familiar²¹. Rosa Braz Madeira (irmã de Euclides Braz) era sócia também da entidade, com ficha sob nº 34, constando como casada, doméstica, brasileira e moradora na rua 20 de Setembro²². Rosa Braz Madeira era casada com João Galdino Madeira, também sócio da União Operária, ficha nº 25, filiado desde junho de 1935, 39 anos de idade, profissão de jornaleiro, naturalidade brasileiro e residente também na rua 20 de Setembro²³.

Através do procedimento metodológico da microanálise, adotado ao longo desta pesquisa, foi possível obter mais informações que ajudaram a recompor fragmentos e histórias dos sujeitos pesquisados.

Paulo Moreira (2014), em artigo sobre as inserções profissionais e associativas do afrodescendente Aurélio Viríssimo de Bittencourt (2014, p. 92) aponta que:

Atualmente, estudar um indivíduo significa investigar os seus vínculos, as suas afetividades, afinidades e animosidades. Tratar de um indivíduo não é mais simplesmente enaltecer a sua relevância política e a autonomia e repercussão de seus atos. Fazer emergir historicamente um indivíduo é localizá-lo na interdependência de suas relações, sob os mais diversos prismas.

Rosa Braz Madeira faleceu no dia 12 de abril de 1978, descrita como de **cor preta**²⁴, ocupação dona de casa, 81 anos de idade, domiciliada na rua 20 de Setembro, sendo viúva de João Galdino Madeira, mãe de 03 filhos. Rosa era filha de Joana Braz dos Santos e Manoel dos Santos²⁵. Já João Galdino Madeira, faleceu décadas antes, constando assento de óbito no dia 01

²¹ A família de Manoel Alcides Emiliano e seu filho Nabor Emiliano (também sócios do Clube União Operária de Alegrete) tinham relações de compadrio com a família de Euclides Braz. Aliás, Manoel Emiliano aparece como sócio da entidade desde 1933. Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio. Meu objetivo é, futuramente, ampliar o leque de estudos sobre a trajetória de afrodescendentes no clube, contemplando mais sujeitos. Outro personagem que será contemplado em pesquisas futuras é o senhor Horádio Rovera da Rosa, participante dos blocos carnavalescos da União Operária.

²² Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

²³ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

²⁴ Grifo meu.

²⁵ Livro C/1, folha 94v. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 13 de abril de 1978. Ahmamjt.

de agosto de 1942²⁶, com 45 anos de idade, **cor parda**²⁷, jornalista e de filiação ignorada. Foi declarante do óbito, o senhor Euclides Braz (irmão de Rosa Braz Madeira). Rosa Braz e João Galdino tiveram 03 filhos, dentre eles, Mário Braz Madeira, também sócio do Clube União Operária, cadastro número 138²⁸. Faleceu no dia 18 de setembro de 2000, com 79 anos de idade, **cor mista**²⁹, aposentado. Casado com dona Isabel Dias Madeira, tiveram 13 filhos³⁰. Mário Braz também era morador na rua 20 de Setembro³¹. Nos dias atuais (2024), Rosa Irene Madeira Cardoso (neta de Mário Braz Madeira) é presidenta do Clube União Operária de Alegrete, sendo a primeira mulher negra a presidir a entidade.

IMAGEM 2 - ROSA BRAZ MADEIRA



Fonte: Acervo Pessoal de Rosa Irene Madeira Cardoso e família

²⁶ Livro 28, folha 41v. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 01 de agosto de 1942. AHMAMJT.

²⁷ Grifo meu.

²⁸ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

²⁹ Grifo meu.

³⁰ Livro C 31, folha 18. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 19 de setembro de 2000. AHMAMJT.

³¹ Até hoje a casa e reduto da família Braz na rua 20 de Setembro é moradia de seus descendentes. Lembrando ao leitor e leitora, que o Clube União Operária também era e é localizado atualmente na mesma rua. O historiador Flávio Gomes (2005, 2006) desenvolveu o conceito de “campo negro” para descrever um espaço social, econômico e geográfico, na qual circulavam escravizados, forros, quilombolas, comunidades negras rurais, alcançando vilas pequenas e cidades maiores no século XIX, numa complexa rede social. Mesmo meu estudo aqui tendo outra temporalidade e abordagem, acredito não ser exagero elencar que as famílias negras que residiam perto do Clube União Operária formavam também um “campo negro”, um espaço geográfico de articulações, autoafirmação e identidade cultural e social.

Os Braz são uma família de afrodescendentes de destaque na comunidade alegretense, com ênfase no ativismo cultural, principalmente no carnaval. Sua trajetória familiar foi fundamental no processo de organização da União Operária, em anos posteriores. Em trabalhos futuros, pretende-se abordar de forma mais detalhada sobre este tema. Porém, é importante ressaltar a figura de João Braz da Silva, falecido no ano de 2021. Personagem importante e um sujeito de destaque e protagonismo da comunidade negra de Alegrete, João Braz foi sócio do Clube União Operária por várias décadas, participando de várias diretorias, como Secretário, Diretor de Departamento³², Conselheiro Fiscal e inclusive, como Presidente eleito da entidade no ano de 2000.

Em 2019, o NEABI da UNIPAMPA Campus Alegrete realizou um documentário sobre a trajetória de João Braz, em que o mesmo relatou, em determinado trecho da entrevista, que em décadas anteriores, havia um “bloco operário formado somente por negros em Alegrete”³³. Importante frisar que a mãe de João Braz, chamada Antonieta Braz era também sócia do clube, aparecendo nos registros como associada nº 78³⁴. Euclides Braz³⁵ e Antonieta Braz tinham parentesco direto (primos) e seus descendentes continuaram participando ativamente na entidade operária. Assim, o Clube União Operária se constituiu num local de lazer e sociabilidades das famílias e comunidade negra alegretense.

Também fazendo parte, como associado da União Operária desde 1929³⁶, e constando com o registro de matrícula número 02, aparece o sócio João Pará, descrito como tendo 56 anos de idade, nascido no dia 12 de novembro de 1889³⁷, casado, brasileiro, profissão de pedreiro e morador na rua Dr. Lauro, em Alegrete³⁸. João Pará faleceu no dia 12 de outubro de 1943, contava com 60 anos de idade, **cor parda**³⁹ e casado, sendo a causa da morte problemas de

³² Atas do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete. Ata nº 380, 13 de junho de 1970. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

³³ Documentário “João Brás da Silva, Mais Brasileiro Impossível!”. In: <https://www.youtube.com/watch?v=YKN4HgD6J9o>. Acesso no dia 31 de janeiro de 2022.

³⁴ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

³⁵ Em sua homenagem existe uma rua em Alegrete chamada Euclides Braz, situada no Bairro Promorar, Zona Leste da cidade.

³⁶ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1929. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

³⁷ Não localizei o registro de nascimento de João Pará. Suponho que a data de nascimento de João Pará foi colocada de forma errônea na ficha cadastral de sócio do Clube, visto que a idade não confere, sendo o mais provável é que Pará tenha nascido no ano de 1883.

³⁸ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

³⁹ Grifo meu.

insuficiência cardíaca⁴⁰. Sua esposa, Matilde Ribeiro Paré também consta como sócia, ficha número 72, associada desde o dia 16 de julho de 1940, tendo 47 anos de idade e ocupação de doméstica⁴¹. Aliás, João Paré já ocupava cargos na diretoria do clube desde 1926, sendo procurador da entidade⁴², depois foi conselheiro fiscal em 1940 e 1941, participando de várias comissões⁴³. Décadas depois, seu filho Darci Ribeiro Paré se tornou sócio do clube, também atuando na diretoria, inclusive como presidente da entidade (1971-1972)⁴⁴. O senhor Darci Paré faleceu no dia 07 de janeiro de 1984, aos 65 anos de idade, casado, descrito como de **cor mista**⁴⁵ e profissão de ferroviário⁴⁶ aposentado⁴⁷.⁴⁸

Outra figura igualmente importante, dentro do Clube União Operária de Alegrete, foi Clotário Estulano dos Santos (pai de Maria Terezinha Leal Santos). Ele aparece como sendo sócio do Clube União Operária de Alegrete desde o ano de 1929. Faleceu no dia 25 de julho de 1964, descrito como de cor mista, profissão de pedreiro, domiciliado e residente em Alegrete. Faleceu com 78 anos de idade, era filho de Afonso Ligorio e Maria Estulano dos Santos⁴⁹. É de bom alvitre também sondar a trajetória do operário Alberto Ludgero dos Santos, sócio da União Operária (1929)⁵⁰, número 11 na ficha de cadastro, 60 anos de idade, casado e com a profissão

⁴⁰ Livro 28, folha 246. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 13 de outubro de 1943. AHMAMJT.

⁴¹ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁴² *A NOTÍCIA*. União Operária. Alegrete, 25 de agosto de 1926 – Nº 59; p. 02 APUD CORRÊA, 2010.

⁴³ Atas do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete. Ata nº 01, 01 de maio de 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁴⁴ Atas do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete. Ata nº 402, 04 de dezembro de 1972. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁴⁵ Grifo meu.

⁴⁶ Sobre a atuação desta categoria é interessante a pesquisa de Robério Souza (2011), que trata sobre a vida dos trabalhadores ferroviários (negros, na sua maioria) no período imediato do pós-abolição e anos iniciais da república na Bahia. O autor acompanhou a trajetória dos ferroviários na luta por direitos sociais e trabalhistas, conflitos e organização de classe. Robério Souza identificou que a maioria dos ferroviários baianos eram negros.

⁴⁷ Livro C/08, folha 97v. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 09 de janeiro de 1984. AHMAMJT.

⁴⁸ Everaldo Paré (neto de Darci Ribeiro Paré) foi o penúltimo presidente do Clube União Operária de Alegrete.

⁴⁹ Livro 42, folha 201. Registro de óbito, cartório civil de Alegrete, 25 de julho de 1964. AHMAMJT; Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1929. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁵⁰ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1929. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

de carpinteiro⁵¹. Alberto dos Santos morreu no dia 31 de dezembro de 1944, com 68 anos de idade, **cor mista**⁵² e filho de Efígenia Nunes dos Santos⁵³.

Conhecer a atuação e luta dos trabalhadores negros, nestes espaços associativos e de cunho operário, é fundamental para compreendermos a própria formação da classe operária brasileira. Petrônio Domingues, ao pesquisar sobre o protagonismo negro em São Paulo, dedica algumas páginas sobre a importância de dar visibilidade à presença negra na história social do trabalho e, em especial, na formação do movimento operário. Segundo o autor, mesmo com o surgimento de algumas pesquisas sobre o tema, “o desafio continua sendo o de elaborar uma história do trabalho mais inclusiva” (Domingues, 2019, p. 51).

De acordo com Maurício Goldemberg (1993), no dia 01 de maio de 1933, surgiu em Alegrete também o Bloco Operário, sendo que a reunião festiva aconteceu numa casa localizada entre a esquina da Rua General Vitorino com a Rua Dr. Lauro, estando presente a comissão responsável pela atividade e demais convidados. Segundo o relato de Goldemberg, na abertura da solenidade, “ao aproximar-se às 10 horas o companheiro Euclides Braz fez sentir aos camaradas, que não era somente cortar o assado, e sim também tratar-se de uma organização social, ao qual foi muito aplaudido” (1993, p. 13). A fala de Euclides Braz evidencia um trabalhador (operário) preocupado não somente com a festividade alusiva ao Dia do Trabalho, mas também enaltecendo e mostrando consciência política no ato. Um protagonista na luta de trabalhadores!

Aliás, dentre os fundadores do Bloco Operário, estavam nossos conhecidos personagens, como o próprio Euclides Braz, João Pará, João Mário dos Santos, Manoel Alcides Emiliano, Clotário Estulano dos Santos, entre outros. A primeira diretoria eleita ficou constituída por Euclides Braz (Presidente); João Pará (Secretário); Mariano Pinto da Silveira (Tesoureiro); João Mário dos Santos, Waldemar de Oliveira, Manoel Emiliano, Clotário dos Santos, Celso Oliveira e Dorvalino Brasil (Comissão Executiva) e Joaquim Telles (Orador). Na descrição feita por Goldemberg, “ao meio-dia a festa terminou debaixo de grande alegria e satisfação, e às oito horas da noite, na União Operária, foi empossada a 1ª Diretoria”. (1993, p. 13). Ainda segundo o autor, o Bloco Operário funcionou até 1937, ocupando quase sempre as

⁵¹ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁵² Grifo meu.

⁵³ Livro 29, folha 114. Registro de óbito, cartório civil de Alegrete, 02 de janeiro de 1945. AHMAMJT

dependências da União Operária, sendo que neste mesmo ano, as entidades fundiram-se, consagrando-se o Clube União Operária.

Desde a fundação da União Operária, trabalhadores afrodescendentes ocuparam funções e cargos na diretoria do clube, sendo João Mário dos Santos, presidente negro da União Operária, entre 1936 a 1937. Não consegui identificar o registro de nascimento de João Mário, contudo, nas informações contidas nas fichas cadastrais dos associados da própria União Operária, ele é descrito com matrícula sob número 04, tendo sido filiado no dia 1º de maio de 1933, com 49 anos de idade, profissão de pedreiro e morador na rua Vasco Alves em Alegrete⁵⁴. Mesmo aparecendo como sendo filiado desde 1933, encontrei João Mário dos Santos com o registro de associado da União Operária no Livro dos Sócios já em 1929⁵⁵. Devido a discrepância nas informações relativas à idade e ano de falecimento nos registros documentais, não posso afirmar com certeza, mas a princípio, deduzo que João Mário faleceu no dia 14 de janeiro de 1942, constando com 50 anos de idade, filho de Catarina Batista⁵⁶.

IMAGEM 3 - JOÃO MÁRIO DOS SANTOS, PRESIDENTE NEGRO DO CLUBE UNIÃO OPERÁRIA (1936-1937).



Fonte: Acervo da União Operária de Alegrete (Corrêa, 2020)

⁵⁴ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1940. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁵⁵ Livro dos Sócios do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete, 1929. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁵⁶ Livro 27, folha 19. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 14 de janeiro de 1942. AHMAMJT.

Como mencionei, é necessário recuperar e resgatar as experiências dos negros nos clubes sociais de Alegrete, pois ainda existem lacunas na historiografia local e regional sobre a participação dos egressos do cativo e seus descendentes nestes espaços associativos.

Outro tema, que merece ser estudado com urgência, é o envolvimento e a presença das mulheres trabalhadoras nas entidades operárias. Nesta pesquisa, foram apontados indícios do acesso de operárias negras envolvidas nas lutas sindicais em Alegrete, como no dia 12 de janeiro de 1929, quando foi inaugurado o Centro Feminino Operário, presidido por Sara Braz Rangel (Goldemberg, 1993). Os dados que obtive fazendo o cruzamento com os registros de óbitos, mostram que Sara Braz Rangel faleceu no dia 19 de março de 1939, com 38 anos de idade, **cor parda**⁵⁷ e com a ocupação de doméstica⁵⁸. Através destes registros, é possível observar a experiência das mulheres negras operárias, participando ativamente no movimento operário e associativismo feminino, evidenciando também, o protagonismo dessas personagens históricas.

A trajetória empreendida por mulheres negras no Clube União Operária de Alegrete foi se consolidando ao longo das décadas. Estas mulheres foram participantes deste processo histórico e não somente como meras coadjuvantes, mas também exercendo funções de destaque e primordiais na instituição. Para a análise desse estudo, encontrei na documentação cotejada, o protagonismo de Perciliana Quiroga, que atuou como secretária da entidade e foi responsável pela elaboração de dezenas de atas (1969-1970)⁵⁹.

Um fato interessante, é que Perciliana Quiroga é bisneta de Onofre Nunes Quiroga⁶⁰, um ex-escravizado que conquistou a liberdade no ano de 1872, comprando-a⁶¹. Onofre ocupa um capítulo da tese de doutorado que defendi no ano de 2022 na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pois sua trajetória mostra a complexidade e a experiência de vida de um liberto, permeada pelas expectativas de inserção social e com estratégias reelaboradas no cotidiano, buscando uma vida mais autônoma no período pós-abolição. Dessa maneira, busco enfatizar

⁵⁷ Grifo meu.

⁵⁸ Registros Cíveis de Alegrete. Óbitos, 1876-2003. In: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QST-L9G7-XGBZ?i=3247&cat=2118>. Filme: 004209949. Acesso no dia 10 de janeiro de 2022.

⁵⁹ Atas do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete (1969-1970). Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁶⁰ Agradeço imensamente ao senhor Fernando Quiroga Fonseca (bisneto de Onofre Nunes Quiroga) pelas informações prestadas.

⁶¹ Onofre pagou 800\$ pela sua liberdade, e foi um escravizado que trabalhou diretamente em estâncias da família Nunes de Miranda, sendo muito provável que tenha recebido de seus senhores a permissão para possuir pequenos rebanhos, além de cultivar roças próprias, o que lhe possibilitou juntar pecúlio para a compra da sua alforria. Carta de alforria concedida no dia 07/05/1872 e registrada no dia 09/10/1872. Livro 01, p. 72r. APERS. Conforme já comentei, venho pesquisando sobre as experiências sociais de libertos no imediato pós-abolição em Alegrete, na qual faço uma análise mais detalhada e apurada sobre tais sujeitos na tese de doutorado que está em fase de conclusão, incluindo Onofre Nunes Quiroga.

uma história de luta pela liberdade, de um ex-escravizado, ainda no século XIX, que perpassou gerações em sua família, culminando na agência e ascensão social de Perciliana dentro do associativismo, ocupando também um espaço de luta e autovalorização da comunidade negra.

Diante disso, no processo de consolidação e ocupação político-institucional dessa entidade, a trajetória de mulheres negras foi se revelando importante e com protagonismo dentro da própria diretoria. Cristina Castilhos Caminha é uma referência neste percurso⁶². Ocupou cargos de conselheira e também foi encarregada e coordenou várias comissões, dentre elas, a comissão pró-natal para crianças filhas dos associados e de operários⁶³. Cristina Castilhos faleceu no dia 25 de junho de 1999, aos 90 anos de idade, já viúva, declarada como de **cor mista**⁶⁴, aposentada, natural de Alegrete e com domicílio na Rua Nossa Senhora do Carmo⁶⁵. Consta como nascida no dia 15 de fevereiro de 1909 e era casada com Saul Rodrigues Caminha⁶⁶, cujo matrimônio não deixou filhos. No registro de óbito, Cristina consta como filha legítima de Theodora Maria da Conceição Castilhos. Ao buscar mais informações acerca de Theodora, encontrou-se o atestado de óbito dela no ano de 1959, porém, constando como Maria Teodora Castilhos da Conceição. Com certeza é a mesma pessoa, mas o nome original deve ter sido alterado em alguns dos registros mencionados⁶⁷.

Maria Teodora Castilhos da Conceição faleceu no dia 20 de agosto de 1959, com 78 anos de idade, viúva, tinha sido casada com Pedro Castilhos⁶⁸. Nas informações do documento, consta como de **cor preta**⁶⁹, profissão de doméstica, natural deste Estado. Era filha de Bibiana da Conceição, já falecida, profissão de doméstica. O nome do pai não consta no assento de óbito⁷⁰.

⁶² Atas do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete. Ata nº 15, 18 de maio de 1976. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁶³ Reunião Especial Pró-Natal das Crianças dos Associados: Alegrete, 29 de outubro de 1961; Reunião da Comissão Encarregada de Angariar Fundos para o Natal das Crianças Filhas de Operários alegretenses: Alegrete, 10 de novembro de 1961. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁶⁴ Grifo meu.

⁶⁵ Registros Cíveis de Alegrete. Óbitos, 1994-2002. In: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-L9G7-F35F?i=1429&cat=2118>. Filme 004209954. Acesso no dia 10 de janeiro de 2022.

⁶⁶ Saul Rodrigues Caminha faleceu no dia 31 de março de 1991, aos 54 anos de idade, descrito como comerciante, cor branca e nascido no dia 28 de maio de 1936. Era filho Felix Caminha e Adelina Rodrigues, ambos brasileiros. Saul Caminha também participava no Clube União Operária de Alegrete. In: Livro 15, folha 188v. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 09 de abril de 1991. AHMAMJT. Conversando com familiares e verificando o fenótipo de Saul, ele é considerado um sujeito afrodescendente.

⁶⁷ Aqui coloquei os nomes como constavam nos respectivos documentos.

⁶⁸ O casal tinha perdido uma filha, chamada Maria Castilhos, que faleceu em 1942, com 37 anos de idade, solteira, de cor preta e natural de Alegrete. Livro 28, folha 109. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 30 de dezembro de 1942. Ahmamjt.

⁶⁹ Grifo meu.

⁷⁰ Livro 38, folha 153. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 20 de agosto de 1959. Ahmamjt.

IMAGEM 4 - TEODORA MARIA DA CONCEIÇÃO CASTILHOS.



Fonte: Acervo Pessoal de Marina Castilhos. Envio da imagem: Anderson Corrêa

Estas histórias de vidas negras não podem ser esquecidas. São famílias que lutaram pela sobrevivência no pós-abolição, que enfrentaram muitas adversidades, na qual conseguiram preservar laços familiares e nos dão exemplos de resistência e de preservação étnica, cultural e social⁷¹.

IMAGEM 5 - CRISTINA CASTILHOS (À DIREITA) RECEBENDO UM PRESENTE NUM CHÁ EM HOMENAGEM AO DIA DAS MÃES NO CLUBE UNIÃO OPERÁRIA. FOTO S/D.



Fonte: Aline Castilhos Teixeira; Acervo Pessoal: Mariza Castilhos de Castilhos

⁷¹ O casal Teodora Maria Conceição Castilhos e Pedro Castilhos foram importantes na construção da atual sede do Clube União Operária de Alegrete, inclusive doando parte do terreno para construir o prédio. Depoimento de Marina Castilhos, neta de Teodora da Conceição Castilhos e de Pedro Castilhos. Depoimento para Anderson R. Pereira Corrêa, dia 31/07/2019, as 11:30, em sua residência.

Até hoje, descendentes diretos de Teodora Castilhos e de Cristina Castilhos moram nos arredores do Clube União Operária, entre as ruas Vinte de Setembro e Nossa Senhora do Carmo. Podemos citar como exemplo, a senhora Marina da Rosa Castilhos e família, também atuantes e participativos no clube. Marina Castilhos é descendente direto de Teodora Castilhos, sendo sua avó paterna. Localizei o atestado de óbito do senhor João da Conceição Castilhos (pai de Marina Castilhos), que faleceu no dia 30 de julho de 1987⁷². Constava que tinha 77 anos de idade, nascido no dia 29 de agosto de 1909. Era aposentado, de **cor morena**⁷³, viúvo de Cencia da Rosa Castilhos, sendo seus filhos, Marina Castilhos, Cristina, Helena e Cassemiro⁷⁴.

IMAGEM 6 - CASSEMIRO CASTILHOS (IRMÃO DE CRISTINA CASTILHOS, À ESQUERDA) E CRISTINA CASTILHOS (À DIREITA). FOTO S/D, CASAMENTO DE FAMILIARES.



Fonte: Créditos de Aline Castilhos Teixeira; Acervo Pessoal: Mariza Castilhos de Castilhos

⁷² Livro 11, folha 253. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 30 de julho de 1987. AHMAMJT.

⁷³ Grifo meu.

⁷⁴ Conforme Aline Castilhos Teixeira (filha de Marina Castilhos) provavelmente houve um equívoco do tabelião no registro dos filhos de João da Conceição Castilhos, pois somente Marina e Helena são filhas, sendo que Cassemiro e Cristina eram irmãos do senhor João Castilhos. Entrevista via online, no dia 02 de fevereiro de 2022. O atestado de óbito da Cencia da Rosa Castilhos (esposa de João da Conceição Castilhos) confirma que o casal tinha somente dois filhos. Cencia faleceu em 1980. Livro C/3, folha 138. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 09 de janeiro de 1980. AHMAMJT.

Esse movimento de trabalhadores negros no Clube União Operária de Alegrete contou também com a participação de João de Deus Bandeira, sócio da entidade e membro da diretoria na década de 1970⁷⁵. João de Deus Bandeira nasceu no dia 04 de junho de 1922, filho de Feliciano Alves Bandeira e Dona Altina Alves Bandeira. João Bandeira era morador na Rua Carlos Gomes, bairro Vila Nova, profissão de mozaiqueiro⁷⁶. Faleceu em 1990, aos 68 anos de idade, descrito como de **cor preta**⁷⁷. Consegui também localizar os registros de óbitos do pai e da mãe de João Bandeira. Feliciano Alves Bandeira faleceu no dia 31 de julho de 1966⁷⁸, já Dona Altina Alves Bandeira faleceu no dia 23 de agosto de 1978, aos 86 anos de idade, moradora no Bairro Vila Nova, de **cor mista**⁷⁹ e aposentada rural⁸⁰.

O historiador Petrônio Domingues (2011), explorando o tema do protagonismo negro em Santa Catarina, no período posterior à abolição da escravidão, já observava a importância e a necessidade de pesquisar a presença negra na história social do trabalho do referido Estado. “A formação da classe operária foi um processo complexo, plural e multifacetado e que, no caso específico do Brasil, para o qual não se deve ignorar a participação dos negros” (2011, p. 126). Conforme Domingues, setores que descendiam de escravizados e libertos, desenvolveram uma consciência de classe, construindo uma militância política dentro do operariado. Cita o exemplo de Sebastião Lucas Pereira, primeiro negro a ocupar um cargo de dirigente dos trabalhadores portuários em Itajaí, na primeira década do século XX. Nas palavras do autor, de “toda sorte, seu exemplo sugere que uma parcela dos afro-catarinenses não só foi protagonista da história social do trabalho, como ainda cumpriu um papel de relevância na construção do movimento operário” (Ibid., p. 126).

Este artigo apresenta fatos, histórias, lembranças e algumas trajetórias de pessoas da comunidade negra de Alegrete, que ajudaram e colaboraram na construção do Clube União Operária de Alegrete. Uma participação contínua e ativa da população negra, como agente de sua história, mostrando a capacidade de organização social, econômica, política e cultural dos negros. O estudo conta a história dos negros no Clube União Operária, dando protagonismo a

⁷⁵ Atas do Clube União Operária 1º de Maio de Alegrete. Ata nº 05, 28 de novembro de 1975. Secretaria da União Operária 1º de Maio.

⁷⁶ Ocupação descrita na certidão de óbito. João de Deus Bandeira trabalhava com a confecção e produção de mosaicos.

⁷⁷ Livro 15, folha 022v. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 21 de julho de 1990. Ahmamjt. Grifo meu.

⁷⁸ Livro 44, folha 139. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 01 de agosto de 1966. Ahmamjt.

⁷⁹ Grifo meu.

⁸⁰ Livro C/1, folha 191. Registro de óbito, cartório de registro civil de Alegrete, 24 de agosto de 1978. Ahmamjt.

estes trabalhadores. As evidências, localizadas nas fontes históricas, destacam a significativa trajetória da história e presença negra no clube, na qual se estabeleceu uma identidade, cultura e resistência negra.

IMAGEM 7 - CONCURSO DE BELEZA NA UNIÃO OPERÁRIA (1973).



Fonte: Acervo de Valdir Fotografias. Foto enviada por Vania Machado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os primeiros apontamentos indicam que, dentro da composição do Clube União Operária, existia uma sólida participação e organização de famílias negras, inclusive como principais lideranças da entidade. Dessa maneira, o espaço da União Operária serviu para os trabalhadores negros construírem uma identidade negra positiva e com estabelecimento de laços de solidariedade de classe e também etnia. O clube foi ocupado pela comunidade negra, como expressão de resistência e estratégias engendradas por esses homens e mulheres para escapar dos mecanismos de preconceito e dominação que existiam e, ainda hoje, existem numa

sociedade dominada pelo racismo estrutural. Os trabalhadores negros construíram suas histórias e foram protagonistas no Clube União Operária de Alegrete.

Neste espaço associativo, os negros compartilharam experiências, relações, amizades, afetos, conflitos, mas acima de tudo, conseguiram inserção social, atestando autonomia dos afrodescendentes enquanto sujeitos históricos, com possibilidades organizativas e de incorporação como trabalhadores e cidadãos, lutando por espaços, driblando o preconceito extremo e impondo suas presenças, enquanto protagonistas.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Anderson Romário Pereira. **Movimento Operário em Alegrete: a presença de imigrantes e estrangeiros (1897-1929)**. 2010. 213 p. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CORRÊA, Anderson Romário Pereira. Lugares de memória dos trabalhadores: Sede da União Operária Primeiro de Maio, Alegrete (RS). In: **Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho (LEHMT)**, cidade do Rio de Janeiro, 2020.

DOMINGUES, Petrônio. “A redenção de nossa raça”: as comemorações da abolição da escravidão no Brasil. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.31, nº 62, p. 19-48, 2011.

DOMINGUES, Petrônio. “Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-abolição. In: **Topoi**, v. 12, n. 23, p. 118-139 jul. Dez. 2011.

DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

GAZETA DE ALEGRETE. União Operária 1º de Maio: Raiar dos 50 anos. In: **Alegrete de Ontem**. Alegrete, 1973.

GINZBURG, Carlo e PONI, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e o mercado historiográfico. In: **A Micro-História e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GOLDEMBERG, Maurício. **Alegrete de Ontem**: Edição Comemorativa da Gazeta de Alegrete 111 Anos. Alegrete, 1993.

GOMES, Flavio. **A hidra e os pântanos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GOMES, Flavio. **História de quilombolas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: **Micro-História, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. O Aurélio era preto: trabalho, associativismo e capital relacional na trajetória de um homem pardo no Brasil Imperial e Republicano. In: **Revista Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v.40, n.01, p.85-127, janeiro/junho de 2014.

SÔNEGO. Márcio Jesus Ferreira. **O processo de emancipação da escravidão no Brasil Meridional (Alegrete, 1871-1911)**. 2022. 372 p. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

SOUZA, Robério S. **Tudo pelo trabalho livre!** Trabalhadores e conflitos no pós-abolição (Bahia 1892-1909). Salvador; São Paulo: Editora UFBA; FAPESP, 2011.